

# O encontro da revolução com a História – socialismo como projeto na tradição marxista

VALÉRIO ARCARY

*Sundermann/Xamã, 2006, 304p.*

*Marcelo Ridenti\**

Eis um livro polêmico que dá sua contribuição à História das idéias. Mais precisamente, das idéias marxistas, ligadas à luta pela transformação socialista do mundo. Nove dos dez capítulos tinham sido publicados antes como artigos em diferentes revistas. Cada um pode ser lido em separado, sem prejuízo do entendimento, embora originariamente a maioria deles integrasse uma tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo.

Trata-se de um conjunto diversificado de discussões que envolvem a interpretação do marxismo, sobretudo suas polêmicas, com destaque para as idéias de Marx, Engels, Lenin e Trotski. O fio vermelho do pensamento militante dá coerência ao todo da obra, que reflete sobre a história da teoria da revolução no marxismo.

O primeiro capítulo intitula-se “O capitalismo pode ter morte natural?”. A resposta já fica sugerida na questão: apesar de estar condenado a desaparecer, o capitalismo só cairá pela ação revolucionária da classe trabalhadora. O autor constata a longevidade do capital, que já foi muito além do que imaginavam seus críticos no século XIX e início do XX. Isso não significaria nem que o capitalismo é eterno, nem que estaria condenado a um colapso inevitável, o que envolveria um fatalismo que serviria para alimentar a passividade política, em vez de mobilizar os trabalhadores.

---

\* Professor de Sociologia da Unicamp.

A discussão remete ao ponto talvez mais interessante do livro, que aparece nos primeiros capítulos: a crise do capitalismo. O tema ganha inesperada atualidade com a crise do final de 2008, em parte prevista nas análises da obra. Discutindo com autores como Rosa Luxemburgo, Mandel e Rosdolsky, Arcary sustenta uma boa polêmica sobre o caráter das crises no capitalismo, a lei da baixa da taxa média de lucro e assim por diante. Para ele, não haveria limites econômicos intransponíveis à reprodução ampliada do capital, que tende sempre a se reconstituir após as crises, se não for derrotado na luta de classes.

“Cinco polêmicas em torno dos prognósticos de Marx sobre o futuro do capitalismo” é o nome do segundo capítulo, em que o autor aborda novamente o tema das crises. O tema segue em pauta no terceiro capítulo: “O encontro do capitalismo com a crise”. São comparados dois modelos explicativos da longevidade do capital, no âmbito do marxismo: o dos ciclos, inspirado em Kondratiev, e o da seqüência direcionada, de Trotski. O primeiro enfatizaria a investigação econômica para compreender essa longevidade, o segundo, a investigação social e política. Haveria autores que fundiriam criativamente os dois modelos, caso de Mandel.

O texto seguinte pergunta no título: “A época das revoluções está encerrada?”. Como era de esperar, a resposta é não. A argumentação segue pelo conceito de “época revolucionária”, a partir da obra de Marx e sua ênfase na luta de classes, a questão da transição socialista, o tema da pauperização das massas trabalhadoras, os debates sobre reforma e revolução e assim por diante.

No capítulo quinto, “Marx vive: a atualidade do *Manifesto Comunista*”, há uma certa quebra na lógica interna do livro. O texto, ao contrário da maioria dos demais, é curto e talvez fosse dispensável, até porque já fora publicado no contexto do balanço dos 150 anos do Manifesto de 1848. O livro fica menos interessante quando a tônica é a reiteração da profissão de fé na revolução proletária e na obra dos clássicos do marxismo. Arcary compara a importância do *Manifesto* à de *A evolução das espécies* de Darwin para as ciências naturais, e à obra de Einstein ou de Freud. Pode-se concordar com a genialidade do *Manifesto*, sua importância política inestimável, mas dizer que realizou uma revolução teórica ... Marx, de fato, propunha-se a realizar um trabalho tão fundamental como a obra de Darwin – mas em *O capital!* Este sim comparável ao trabalho dos outros cientistas citados. Não se trata de diminuir o *Manifesto*, mas de senso de proporção, por mais que se simpatize com as teses do texto de 1848.

Os escritos clássicos do marxismo voltam ao centro no capítulo seguinte: “Controvérsias sobre a teoria da revolução no ‘testamento’ de Engels”, ou seja, sua introdução de 1895 aos artigos de Marx reunidos em *As lutas de classe na França*. O eixo do capítulo é a crítica à “estratégia de radicalização da democracia” dos reformistas e social-democratas, com a qual Engels jamais teria compartilhado, ao contrário de certas interpretações de seu referido texto. A partir daí, Arcary discorre sobre temas como democracia liberal, reformismo socialista, socialismo, revolução, insurreição, ditadura do proletariado, blanquismo e marxismo.

“Seria o marxismo um fatalismo economicista?” é a questão do sétimo capítulo, que o autor responde pela negativa, enfatizando “o desenvolvimento desigual e combinado como lei mais geral da história”, a relevância da luta de classes, a recusa do messianismo proletário, a “dialética entre a necessidade e o acaso”, a “tensão entre a determinação e a liberdade”.

O capítulo sobre “O protagonismo do proletariado e as revoluções do século XX” é dedicado a contestar a hipótese de Gorender sobre o caráter ontologicamente reformista do proletariado. Tema que se liga ao do capítulo seguinte, acerca da “Crise de direção e consciência de classe: a representação política em perspectiva histórica”. Nessa altura, o texto vai se esgarçando, perdendo a força e a articulação dos capítulos iniciais. O livro termina num anticlímax, com “Igualitarismo marxista e liberdade humana”, no qual são feitas considerações gerais sobre o tema da liberdade e da igualdade à luz da obra de Marx.

O livro é mais interessante nos capítulos iniciais, em que polemiza com autores consagrados do campo revolucionário, como Rosa Luxemburgo e Mandel, embora talvez fosse dispensável pedir desculpas por ousar contradizer alguns clássicos (“os grandes, mesmo quando erram, algo acertam”, p.31). Fica mais convencional nos capítulos finais, em que avulta o encastelamento na defesa de verdades revolucionárias atribuídas a Marx, Engels, Lenin, Trotski e outros.

No geral, a exposição é clara e didática, típica de quem é professor por ofício, que reitera a cada tópico as idéias antes expostas. O custo (inevitável?) da clareza acaba sendo a carência de concisão. A linguagem é literariamente elegante, mas não raro se deixa levar pelo encanto da retórica. O leitor às vezes se sente empolgado para acompanhar a riqueza de um debate erudito e muito bem exposto, mas em outras ocasiões parece ouvir uma brilhante pregação em púlpito ou palanque. Não é fácil encontrar o tom adequado para um trabalho que se propõe a ser ao mesmo tempo acadêmico e militante, desafio que, entretanto, merece ser enfrentado e perante o qual o autor não recua.

Arcary revela sua posição de crítica radical ao capitalismo, não esconde o embate com aqueles que considera reformistas e stalinistas, predominantes no movimento operário ao longo do século XX. Entretanto, em geral, trata com cortesia e elegância os pensadores marxistas de que discorda, especialmente os brasileiros, como Carlos Nelson Coutinho e Jacob Gorender. Um ponto positivo do livro é que toma como interlocutores alguns pensadores ao sul do Equador, além dos clássicos internacionais. Assim, aparecem Grespan, Singer, Bianchi, César Benjamin, José Martins, Carneiro, Coggiola, Borón, Moreno, ao lado de Fontana, Arrighi, Sweezy, Anderson, Thompson, Bensaid, Chesnais, Braudel, Wallerstein, Hobsbawm, Heller, Lefebvre, Losurdo, Mandel, Meszaros, acompanhados por sua vez de Marx, Engels, Lenin, Trotski, Bernstein, Kautsky, Lukacs, Gramsci, Rosa Luxemburgo e outros mais.

Concorde-se ou não com as posições do autor, especialmente o debate sobre as crises, desenvolvido nos primeiros capítulos, é de grande atualidade e de especial interesse para pensar os dilemas dos socialistas no século XXI.

RIDENTI, Marcelo. Resenha de: ARCARY, Valério O encontro da revolução com a História – socialismo como projeto na tradição marxista. Sundermann/Xamã, 2006, 304p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.28, 2009, p.167-169.

***Palavras-chave:*** Revolução; História; Socialismo; Marxismo.